

O pós-humanismo convidado ao jantar: explorando o potencial de uma perspectiva mais-que-humana em food studies¹

Posthumanism invited to dinner: exploring the potential of a more-than-human perspective in food studies

Sarah Elton

Department of Sociology, Toronto Metropolitan University, Toronto, Ontário, Canadá

Janice Alves Trajano (tradutora)

Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

RESUMO

O presente texto visa apresentar uma tradução para o artigo *Posthumanism invited to dinner: exploring the potential of a more-than-human perspective in food studies*, escrito por Sarah Elton, e publicado originalmente em língua inglesa. A autora tem como propósito, neste ensaio, incentivar pesquisadoras e pesquisadores da área dos estudos da alimentação a incorporar debates pós-humanistas em seus trabalhos, descentrando os humanos e contemplando os não-humanos. Um dos principais argumentos defendidos é o de que o pós-humanismo possibilita repensar a comida, ao romper com o modelo de consumo e de produção “de conquista”, o que permite que sejam desenvolvidas relações humano-natureza mais justas.

Palavras-chave: *Food studies*, Pós-humanismo, Sistemas agroalimentares.

¹ Tradução de ELTON, Sarah. Posthumanism invited to dinner: exploring the potential of a more-than-human perspective in food studies. *Gastronomica*, v. 19, n. 2, p. 6-15, 2019. [N.T.]: Os agradecimentos constam no texto original e também foram traduzidos.

Recebido em 10 de outubro de 2022.
Aceito em 21 de dezembro de 2022.



ABSTRACT

This text aims to offer a translation for the article *Posthumanism invited to dinner: exploring the potential of a more than human perspective in food studies*, written by Sarah Elton, and originally published in English. The author's purpose with this essay is to encourage food studies researchers to incorporate post-humanist debates into their work, decentering humans and contemplating non-humans. Amidst the main arguments, it is explained that post-humanism rethinks food, disrupting the "conquest" model of consumption and production, which allows more just human-nature relationships.

Keywords: Food studies, Posthumanism, Agrifood systems.

Um prato de comida à espera. Uma coxa de frango temperada com pitadas limonadas de sumagre. Ao lado, arroz cozido com pequenas lentilhas marrons cobertas por cebola, frita até ficar dourada e crocante. Vegetais cozidos no vapor com sal, regados com azeite de oliva. O que está acontecendo aqui? Bem, a comida espera o comensal, um humano² faminto, deseja nutrir o corpo e satisfazer as papilas gustativas. A comida será provada, digerida e transformada por funções corporais em nutrientes e resíduos. Ou talvez não.

O que acontece na mesa de jantar quando trazemos uma perspectiva pós-humanista e consideramos a agência dos não humanos? "Pós-humanismo" é o termo que utilizo para agrupar as teorias e visões que buscam remover os humanos de um papel autoconferido de ator supremo no planeta Terra e reconhecem significado e agência em outras formas de vida – até em fenômenos e na matéria. O pós-humanismo eleva o campo de ação – nivela a ontologia – e fornece uma estrutura para um mundo de redes, assembleias, companheirismo, relações e inter-relações radicalmente diferentes.

Os estudos sobre alimentação ainda precisam considerar plenamente a agência não humana. Um aspecto típico dos estudos de alimentação é o que Bennett (2007, p. 133) chama de "modelo de consumo de conquista", uma concepção sobre o comer que envolve humanos consumindo e digerindo matéria inerte. Eu acrescento a produção a esse modelo, uma vez que a concepção prevalente da agricultura e de sistemas agroalimentares elenca os humanos como cultivadores, produtores e transformadores da comida, como notado por Goodman (1999).

² Ao utilizar a palavra "humano", não tenho a intenção de implicar que a supremacia humana é uma visão de mundo universalmente aceita por todas as pessoas, um tópico que retomarei num ensaio posterior. Utilizo a palavra "humano", aqui, para distinguir animais humanos de animais não humanos.

Esse modelo de consumo de conquista sobre a produção e o consumo despreza a agência dos vegetais ou animais, das bactérias, da biota do solo, das bacias hidrográficas, do clima e de todas as coisas não humanas e todos os sistemas que atuam, influenciam, moldam e possibilitam a comida para humanos – ou não. A estrutura teórica do pós-humanismo refuta muito do que sabemos e pensamos sobre comida, a maneira como é produzida e transformada e inclusive o que acontece quando comemos. Transforme a sua ontologia, e o frango do jantar no prato, com aquelas lentilhas potencialmente flatulentas, os carboidratos simples do arroz branco, que elevam o índice glicêmico, e os vegetais folhosos embalados com o ferro de que o corpo precisa para levar oxigênio até o cérebro – sem mencionar a *Salmonella* potencialmente escondida em alguma dobra mal cozida da carne – se tornam mais do que matéria inerte. Tudo que é comestível está atuando no humano, causando efeitos e proporcionando evidências suficientes de agências não humanas, além de todas as causas e efeitos não humanos que ocorrem ao longo da cadeia alimentar.

Meu objetivo neste artigo é encorajar os estudiosos da área de alimentação a explorar o pós-humanismo e avançar no debate que descentraliza os humanos e contempla os não humanos. A oportunidade é ontológica – nivelar a ontologia de alguém e colocar-se no plano do frango que você assou é nunca mais ver o jantar da mesma forma (porém, interessante, isso não necessariamente leva ao veganismo [ver Haraway, 2008]). A oportunidade é também política. Muito tem sido escrito sobre desigualdade e injustiça – por exemplo, Raja, Ma e Yadav (2008), Tarasuk, Dachner e Loopstra (2014) e Weis (2013) –, bem como sobre a insustentabilidade do atual sistema alimentar industrial global. O pós-humanismo oferece outro caminho, capaz de direcionar essas sérias injustiças, o que também é importante. Nós vivemos na época do Antropoceno, a atual era geológica, chamada assim pelo impacto da atividade humana no registro geológico. O Antropoceno é o produto de projetos coloniais destrutivos (DAVIS e TODD, 2017) assim como da Revolução Industrial, combinada a uma visão de mundo que enxerga a biosfera como um recurso natural a ser explorado. Braidotti (2017), escrevendo sobre o pós-humanismo na era do Antropoceno, observa que o período é também entrelaçado com rápidas mudanças tecnológicas e a ascensão de desigualdades, que hoje fazem do pós-humanismo um projeto tão proeminente. Ela escreve que “discutir o pós-humanismo também é encarar o abismo da desumanidade dos nossos tempos” (BRAIDOTTI, 2017, p. 84).

As vias de investigação pós-humanista são particularmente relevantes para aqueles de nós que têm bastante comida para comer, porque nós estamos implicados nesse lamaçal. Quando publicamos em redes sociais a torta de carne que *procrastinamos*, o sistema alimentar que nos trouxe a farinha multiuso e a carne moída contribui substancialmente com a

degradação ambiental e com as mudanças climáticas (STEINFELD, 2006). Contar com nossa cumplicidade no sistema, enquanto comensais, é um projeto político que o pós-humanismo pode ajudar a fermentar. Primeiro sintetizarei ideias fundamentais para o discurso pós-humanista e observarei como eles têm sido explorados nos estudos sobre alimentação até agora. Discutirei as perspectivas para acadêmicos que buscam aplicar essas ideias e demonstrarei como uma estrutura pós-humanista muda suposições comuns que fazemos quando pensamos a comida, ao aplicar essa teoria à ideia de comida saudável. Eu concluo argumentando que uma compreensão ecológica da alimentação saudável poderia levar a sistemas alimentares mais sustentáveis e equitativos nesta era de futuros ecológicos incertos.

COMER, NA TEORIA

Cada vez mais teorias pós-humanistas têm sido exploradas e aplicadas em disciplinas em várias das ciências humanas e sociais, incluindo a filosofia (BRAIDOTTI, 2018), a geografia (WHATMORE, 2002) e a saúde pública (ROCK, DEGELING e BLUE, 2014). O novo materialismo, as teorias não representacionais, as etnografias multiespécie e mais-que-humanas, a(s) natureza(s)-cultura(s) e as linhas de pesquisa pós-qualitativas – todas exploram as possibilidades epistemológicas, ontológicas e metodológicas de enxergar o mundo e todas as suas formas num emaranhado de relações. Essas aproximações são fundamentadas no trabalho de teóricos como Haraway (2008), Latour (1993), Deleuze e Guattari (2004), Barad (2003), Ingold (2000) e Braidotti (2017).

O pós-humanismo rejeita a visão de mundo ocidental dominante, que estabelece a natureza como algo que existe à parte da humanidade. Como Haraway (2008, p. 65) escreve, “a natureza não é outro (nem mãe)”. Nem os humanos são uma espécie excepcional para a qual a terra foi criada. Em vez disso, em um cenário pós-humanista, a humanidade existe em relação com todas as outras vidas e matérias aqui no planeta Terra. Este é um mundo multiespécie onde todas as formas de relacionamento nos ligam a micróbios (HELDKE, 2018), cogumelos (TSING, 2012), cães (HARAWAY, 2008) e abelhas (MOORE e KOSUT, 2014). Algumas dessas relações são de parentesco (HARAWAY, 2008), outras são relações de dependência (YONG, 2016). No entanto, mudar a ontologia de alguém e trabalhar para apagar a fratura ontológica entre humanos e não humanos não se trata de adotar uma ecotopia. Os humanos e os não humanos também existem em relações de antagonismo e batalha, vida e morte –

relações repletas de dinâmicas de poder em que o humano não está no topo (LORIMER, 2016; STANDLEY e BOGICH, 2013).

O pós-humanismo contribui para os discursos que problematizam a categoria “humano”, que incluem as teorias feministas, os estudos da deficiência e os trabalhos antirracistas e anticoloniais (DECKHA, 2012; GOODLEY e LAWTHOM; RUNSWICK, 2014; LUCIANO e CHEN, 2019; WYNTER, 2003). Pensadores como Wynter (2003) e Plumwood (1993) registram que essa categoria de humano – ou, mais especificamente, de homem – tem sido utilizada para separar o homem da natureza. De um lado do dualismo homem-natureza está o homem europeu; do outro lado, a natureza, as mulheres e o resto da humanidade. Enquanto o homem tem sido associado à razão e à cultura, a contrastante “categoria ‘natureza’ é um campo de múltiplas exclusões e de controle, não somente de não humanos, mas de vários grupos de humanos e de aspectos da vida humana que são elencados como natureza” (PLUMWOOD, 1993, p. 4). O pós-humanismo, em alguns casos, se constitui nesse trabalho e olha para o que tem sido construído como o outro e deixado nas marginalidades acadêmicas. Ao ampliar a vista, um mundo mais complexo e inclusivo é revelado. Sundberg (2014) lembra aos acadêmicos que trabalham nessa área o quão imperativo é não universalizar a rasura europeia dos mais-que-humanos. A cisão ontológica entre os humanos e a natureza não implica um ponto de vista humano universalmente aceito, como Ingold (2000), Theriault (2017) e Todd (2015) demonstram em suas pesquisas. É importante reconhecer que, enquanto o pós-humanismo oferece uma perspectiva alternativa à epistemologia e ontologia europeia dominante, existem outras formas de conhecimento que criam um dualismo entre natureza e cultura. Tallbear (2011), por exemplo, convida colegas para incluir filosofias indígenas à discussão. Por reconhecer que o pós-humanismo é apenas uma perspectiva entre outras ontologias adotadas por diferentes culturas e religiões – ver Gethmann e Ehlers (2003) –, neste artigo me esforço para não reproduzir o que Sundberg (2014) descreve como as “formas de conhecimento coloniais”, ao mesmo tempo que reconheço a necessidade de mais trabalhos nessa área.

AGÊNCIAS NÃO HUMANAS PARA O ALMOÇO

A visão pós-humanista de que humanos não são uma espécie excepcional com um papel de protagonismo contrasta com as raízes das hipóteses da filosofia ocidental, que afirmam que os humanos estão neste mundo como os atores principais – sendo, além disso, os únicos atores

neste planeta que possuem agência. Humanos, ao contrário de formas de vida não humanas como árvores, são vistos na tradição europeia ocidental como os únicos atores com agência significativa, que atuam com intenção (JONES e CLOKE, 2002); ver também Watts (2013), que explora uma perspectiva indígena das agências não humanas e argumenta que o colonialismo tem trabalhado para reprimir concepções indígenas da terra como “viva e pensante” (WATTS, 2013). Em uma estrutura pós-humanista, mais-que-humanos também possuem agência. Eles podem fazer coisas acontecerem, a gatilhos, influenciar desfechos. Uma linha fundamental de questionamento: se humanos não são os únicos agentes neste mundo, então que tipo de agência pode ser atribuída a outras formas de vida e até coisas? Quais formas não humanas possuem a capacidade de agir umas sobre as outros, causando acontecimentos? Acadêmicos como Bennett (2010), Haraway (2008) e Whatmore (2002) tensionam a natureza relacional da agência e muitas vezes usam comidas para ilustrar suas afirmações. Whatmore descreve uma “concepção heterogênea de vida social” onde a agência é algo que “gira” entre atores sociais. A comida, escreve, é um “mensageiro pronto de conectividade” e “um dos vetores mais potentes dos ‘imperativos corporais’ que nos enredam no tecido material e diversificam a companhia da ‘vivência’” (WHATMORE, 2002, p. 4). Bennett (2007) identifica agência no que muitas vezes é descartado como inerte e vê humanos e não humanos numa assembleia agente – “humanos, biota e abiota” expressando sua agência em relação a outros actantes (BENNETT, 2007, p. 133). A comida em si, sustenta a autora, é uma coparticipante. Isso fica evidente nas formas como a comida afeta o humor, o corpo ou até a capacidade de aprendizagem de alguém. Sayes (2014), em sua investigação da teoria ator-rede de Bruno Latour, não olha para a comida em si, mas reconhece apropriadamente a relação constante que se dá na multiplicidade do nosso mundo quando escreve que “não humanos não possuem agência *por eles mesmos*, porque eles não estão *nunca* sozinhos” (SAYES, 2014, p. 144). Extrapolando esse raciocínio para a comida, isso significa que você nunca está a sozinho com o frango do jantar, mesmo se você estiver jantando sozinho.

Figura 1. O sistema alimentar global visto em um supermercado, Toronto, Canadá



Fonte: Elton (2019).

Essa teoria aplicada à comida também desafia hipóteses sobre a agência humana implícitas no modelo de produção e consumo de conquista. Uma perspectiva pós-humanista, de acordo com Steel (2018, p. 160), implica resistir a “práticas culturais da supremacia humana”. Ele escreve que nós “devemos contrariar a ideia do ‘comedor não comido’, exigindo um reconhecimento da imanência compartilhada, pelo menos dos nossos corpos e suas capacidades, interdependências desiguais” (STEEL, 2018, p. 161). Heldke (2018) considera que essas interdependências desiguais são emaranhadas através da comida e do comer, como quando você ingere um parasita junto com a sua refeição ou a sua bebida – oh céus. Considerando que esse parasita adentra o trato intestinal, ele explora a ontologia relacional que estabelece que comer é tão central ao ser quanto ser comido. “O indivíduo é a soma não somente de suas relações benéficas, como de todas as relações nas quais ele está emaranhado”, ela explica (HELDKE, 2018, p. 249).

Estruturas mais-que-humanas têm sido desenhadas para aproximar muitos outros aspectos da comida e do sistema alimentar em formas disruptivas. Por exemplo, os *animal studies* críticos envolvem ideias pós-humanistas (ver Buller, 2014, 2015, 2016). Acadêmicos

dessa área problematizam a indústria pecuária, que fornece laticínios e carne, questionando um sistema que faz não humanos “matáveis” (Haraway, 2008) e os torna mercadorias vivas, respirando, seres sencientes. Coulter (2016) aproxima relações humano-animal através das lentes do trabalho e se volta para a reprodução social dos animais, incluindo animais de fazendas, criticando sua exploração e repressão. Wadiwel (2018) também aborda o trabalho dos animais que nos alimentam, especificamente as galinhas, e reflete sobre a resistência delas ao capitalismo. Essas críticas são baseadas na rejeição do dualismo promulgado pela agropecuária industrial, que separa os humanos da natureza e perpetua a crença de que humanos são animais superiores em relação a porcos e galinhas, criados para matar e para comer. Animais, entre eles os bovinos, são entendidos como seres e atores com a capacidade de amar, trabalhar e até resistir – seres que expressam suas agências de muitas formas.

Outros acadêmicos levam a ruptura com o dualismo natureza/humano mais além não apenas por tomar os animais sencientes como iguais ontológicos, mas também por atribuir agência para coisas que têm pouco em comum conosco, como as plantas produtoras de alimentos (MARDER, 2013) e os insetos. Fleming (2017) usa uma abordagem pós-humanista para compreender como as noqueiras no Quirguistão são atores que possuem efeitos políticos. Brice (2014) observa a agência de videiras na Austrália, onde, entre outras coisas, o tempo de amadurecimento das plantas – não o relógio do vinicultor – determina a colheita. Teorias pós-humanistas também têm sido utilizadas para entender o que acontece em um jardim (POWER, 2005) e para fortalecer a rede de pesquisas sobre alimentos alternativos (SARMIENTO, 2016). Tsing (2012) encontra relações interespecies fundamentais para a comensalidade ao longo da história humana, da domesticação dos cereais à economia escravagista da *plantation* de cana-de-açúcar. É notório o que ela escreve: “a natureza humana é uma relação interespecies” (TSING, 2012, p. 141).

A diversidade de tópicos nas ciências sociais e humanas demonstra a destreza teórica do pós-humanismo. Existem muitas oportunidades esperando pelos acadêmicos que buscam aplicar essa perspectiva aos *food studies*. Como Heldke (2018, p. 254) escreve,

[...] imagine como seriam profundamente diferentes nossas rotinas, e o quão distintamente nós construiríamos nossas políticas sociais e sistemas econômicos, no qual não seríamos criaturas que devem apenas comer e eliminar.

E esse mundo parece muito diferente quando você busca agências para além do reino humano. Podemos levantar questões como: as plantações e os rebanhos que humanos domesticaram cerca de 12.000 anos atrás eram realmente o produto de fazendeiros engenhosos,

trabalhando as plantas e os animais com maestria? Ou foi uma coprodução ou mesmo uma expressão direta de agência com relação às plantas, como Pollan (2002) sugeriu? Ao encarar o ato de cozinhar a partir de uma perspectiva relacional, é possível questionar se o frango artisticamente empratado e capturado no Instagram é verdadeiramente uma criação do *chef* que o preparou. Poderia ser uma colaboração multiespécie? Se a natureza humana consiste na relação multiespécie, o que isso significa para a produção de alimentos, bem como para a culinária e para a comensalidade? Significa nunca atuar sozinho?

Figura 2. Um *agropónico* na zona rural de Cuba



Fonte: Elton (2019).

A consciência de uma agência mais-que-humana nos *food studies* poderia nos levar a uma compreensão profunda de questões sobre poder, que são essenciais para entender os sistemas alimentares. Marchand (2018) nota que, quando a agência não humana é descontada, a chamada natureza fica impotente. No entanto agências não humanas produzem efeitos, como

moldar sociedades humanas, e exercem poder em sistemas agroalimentares. Observamos isso no trabalho de Besky e Padwe (2016), que argumentam que plantas como o trigo têm participado vastamente da criação de território, em particular no contexto colonial. Eles escrevem que “plantas são tanto vítimas quanto agentes de ‘violência lenta’, exigida por décadas, e até séculos, sobre paisagens e seus ocupantes” (BESKY e PADWE, 2016, p. 22). Mitchell (2002) também revela como uma assembleia de agências humanas e não humanas – mosquitos, água, cana-de-açúcar e engenheiros, entre outros – moldaram juntas e profundamente as políticas do Egito na década de 1940, contrariando a narrativa dominante dos eventos³. Esses eventos levantam a importante questão do modo como a agência não humana desfaz a intenção humana, no que diz respeito aos sistemas alimentares. Onde humanos e não humanos suportam *vis-à-vis* podridão, ervas daninhas, pragas, toxicidade, seca e inundação? E o que acontece quando agências não humanas e humanas trabalham juntas? Ao admitir a agência dos não humanos, nós ganhamos uma compreensão aprofundada sobre como os sistemas alimentares são construídos e um entendimento sobre a forma como as noções que temos sobre comida são produzidas – a exemplo do que faz uma comida ser saudável ou não.

PÓS-HUMANISMO APLICADO À ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

Na área da saúde, pode ser vista uma maneira que o pós-humanismo perturba as antigas noções sobre a comida. Atualmente, existe um forte estímulo na sociedade norte-americana para que os indivíduos façam escolhas alimentares saudáveis⁴. A comunidade médica, a saúde pública e as áreas do jornalismo voltadas a estilo de vida e saúde – todas promovem a ideia de que escolhas alimentares saudáveis nos ajudarão a enfrentar o que é caracterizado como um estilo de vida relacionado a doenças crônicas. O guia alimentar do governo dos Estados

3 Certamente, acadêmicos têm utilizado por muito tempo a comida como uma lente para compreender o poder e a política, incluindo Sidney Mintz (1985). Estudiosos interessados em questões do poder e da política em sistemas agroalimentares têm recorrido à ecologia política para considerar as interações entre política, economia e ecologia. No entanto a ecologia política, em geral, parou de considerar a agência não humana, algo que Sundberg (2011) pretende modificar, articulando uma ecologia política pós-humanista.

4 Ver Crawford (1980) e trabalhos subsequentes sobre o salutarismo, a ideia de que a medicalização da saúde na América do Norte desde os anos 1970 tem concebido a saúde como uma responsabilidade do indivíduo e como um “super valor” que despolitiza a saúde. Ver também Mayes e Thomson (2014) para uma crítica do discurso sobre alimentação saudável.

Unidos, o “*Dietary Guidelines for Americans 2015-2020*” descreve como a dieta saudável é aquela que inclui frutas e vegetais, alguns grãos integrais, e menos açúcar e gordura saturada do que se observa na dieta estadunidense padrão. O novo guia alimentar canadense declara de forma similar que uma dieta saudável é amplamente baseada em alimentos vegetais (HEALTH CANADA, 2019). O conteúdo nutricional da comida não é o único aspecto da alimentação saudável. Os hábitos alimentares ou o ambiente habitual⁵ também moldam a saúde. O termo “ambiente obesogênico”, por exemplo, descreve as influências biológicas, comportamentais e ambientais que contribuem para a determinação do tamanho do corpo humano⁶, e ambientes alimentares que proporcionam pouco acesso a alimentos saudáveis ou muito acesso a alimentos não saudáveis – chamados respectivamente de desertos e pântanos alimentares (veja Elton, 2018, para uma crítica) – também são conhecidos por causar problemas de saúde.⁴ Essas abordagens convencionais da alimentação saudável sustentam a ideia de que uma boa nutrição é possível para quem tem fácil acesso a frutas, vegetais e grãos integrais acessíveis, dinheiro para comprar esses alimentos e autocontrole para deixar de comer açúcares e gorduras saturadas em excesso. No entanto, numa perspectiva pós-humanista, o que se inclui na alimentação saudável é uma questão mais complicada.

Figura 3. O ambiente alimentar no Centro Esportivo Panamericano de Toronto



Fonte: Elton (2019).

Uma abordagem pós-humanista da saúde a vê como relacional (COHN e LYNCH 2017); NADING, 2013). Aplicada a comida, a abordagem pós-humanista da alimentação saudável

⁵ Note que “ambiente” nesses exemplos (“ambiente obesogênico” e “hábitos ou ambiente alimentar”) refere-se apenas ao ambiente antropogênico, ao contrário dos ecossistemas ou o que alguns poderiam chamar de “ambiente natural”.

⁶ Veja, por exemplo, Egger e Swinburn (1997) e Smith e Cummins (2009).

olha além do prato e considera as relações, as redes, os sistemas e as assembleias que fazem aquela comida. “Saudável” não é meramente uma propriedade de um produto que você compra ou ligada a um bairro onde você faz o mercado. Em vez disso, o termo “saudável” é uma confluência de tudo que acontece ao longo da cadeia alimentar, entre as sementes e o solo, os insetos e os sistemas hídricos, os nutrientes em ciclo nos ecossistemas, o solo e assim por diante. A saúde coletiva, em termos de alimentação e nutrição, estende-se para além do corpo, para além do ambiente, para todas as relações e para a biosfera. Se uma parte do sistema é danosa à saúde, o sistema inteiro fica comprometido. O conceito de determinantes ecológicos de saúde (CPHA, 2015), surgidos das abordagens ecossistêmicas do discurso da saúde nos estudos de saúde pública, faz essas conexões. De acordo com o CPDHA⁷, a água, o ar e os alimentos são os três principais determinantes ecológicos da saúde, uma vez que são a base da vida. Outros determinantes ecológicos que se relacionam especificamente com a alimentação incluem os sistemas que limpam e desintoxicam a água, fornecem irrigação e servem de *habitat* para alimentos colhidos de ecossistemas marinhos e de água doce; os ciclos do nitrogênio e do fósforo, dos quais a agricultura depende; e um clima estável. De uma maneira similar ao modo como marcadores sociais de saúde (como racialização, gênero e classe socioeconômica) moldam a saúde coletiva, os determinantes ecológicos de saúde conectam diretamente o bem-estar humano à natureza não humana. Sua saúde depende de ecossistemas saudáveis e de uma biosfera saudável, e seu bem-estar é determinado pelo ambiente.

7 Canadian Public Health Association

Figura 4. Cabaça em uma horta urbana de Toronto

Fonte: Elton (2019).

Uma abordagem pós-humanista da alimentação saudável não apenas invoca uma concepção relacional da saúde como também abre espaço para a agência não humana. Sistemas não humanos e seres não humanos (sencientes e não sencientes) são atores do sistema alimentar (GOODMAN, 1999). Água, solo, nematódeos, plantas e animais – todos contribuem para o cultivo de alimentos usados na nutrição dos humanos. Cada vez mais formas de vida não humanas, portanto, participam com produtores e cozinheiros da transformação de ingredientes *in natura* em comidas saborosas – basta pensar em todo o trabalho que precisamos que os micro-organismos como o *Lactobacillus sanfranciscensis* performem no preparo do pão de fermentação natural ou nas diferentes bactérias que nos dão o Camembert, o Pecorino e o *nattō*. Não humanos são mais do que atores-chave no sistema alimentar – também são participantes diretos da produção de saúde humana. Sem esses atores, nós não teríamos alimentos nem,

consequentemente, saúde – nem vida para o que importa. Nosso frango do jantar e os vegetais cozidos que o acompanham podem ser considerados uma escolha saudável durante o mês de janeiro por muitos dos habitantes do hemisfério norte. Ao avaliar, no entanto, aquele jantar a partir de uma perspectiva pós-humanista, as coisas mudam. Quão saudáveis realmente são aqueles vegetais cultivados em campos irrigados que diminuem as águas de um aquífero do hemisfério sul, enviados em estufas dentro de veículos emissores de gases e refrigerados que usam a eletricidade produzida em uma usina de carvão? Podemos dizer que o arroz é saudável, se as plantas foram borrifadas com pesticidas que matam insetos dos quais os patos e peixes dos arrozais precisam para se alimentar? Mesmo que a comida forneça os nutrientes necessários ao corpo e afaste as doenças, se a produção de alimentos danifica os sistemas de águas e contribui para as mudanças climáticas, nós não podemos continuar a considerar essa comida saudável, se adotarmos uma noção relacional de saúde. Isso é importante para os estudos de alimentação, porque, primeiramente, questiona os valores imbricados na produção de conhecimento e nas hipóteses frequentemente implícitas em ideias sobre da comida e das vias alimentares. Além disso, nos leva na direção de um sistema alimentar mais sustentável e equitativo.

Figura 5. O agroecossistema arroz-peixe-pato em Yunman, na China



Fonte: Elton (2019).

MUDANÇA POLÍTICA PÓS-HUMANISTA

Outro tema comum na literatura pós-humanista e relevante para os estudos de alimentação é a visão de que, para reconhecer os mais-que-humanos e suas relações com os humanos, podemos nos direcionar a uma nova forma mais ética e justa de ser (BENNETT, 2007, 2010; BRAUN 2005). Bawaka Country *et al* (2015) são um grupo de escritores e pesquisadores que traçaram a ontologia *Yolŋu* na Austrália. Essa forma de compreender o mundo pertence aos *Yolŋu*, um povo indígena da Austrália ao qual alguns membros da equipe de pesquisadores pertencem. Os *Yolŋu* oferecem uma perspectiva relacional tão profunda que os escritores humanos do grupo

de estudos Country *et al* (2015) compartilham a autoria de seus artigos com o país em que eles trabalham (COUNTRY *et al.*, 2014, 2015, 2018). Por dar a primeira autoria a “Country” (país), eles reconhecem a terra em si – o país está tão envolvido com a criação quanto os humanos. Eles chamam isso de “cotornar-se” e usam a comida para demonstrar como isso acontece. Eles situam seus trabalhos no contexto da escolaridade pós-humanista e dos esforços para descentralizar o humano e reconhecer a agência não humana. No ensaio intitulado “Cotornando-se Bawaka”, o leitor é convidado a cavar a terra para coletar inhames, numa tentativa de compartilhar o que significa entender o espaço e o lugar a partir da perspectiva deles. Particularmente relevante, aqui, é que os autores sustentem que o ato de cotornar-se em mais-que-humanos, com tudo que os cerca, conduz a uma ética do cuidado. A “emergente relacionalidade do cuidado” deles é descrita como uma ontologia da natureza segundo a qual você não está cuidando da natureza, do país, do outro, de outra coisa; em vez disso, você cuida *junto com* todas as outras vidas. Eles escrevem: “ Não é... uma questão de cuidar *do* país, mas cuidar *como* país” (COUNTRY *et al.*, 2015, p. 14).

É nesse sentido que uma ontologia pós-humanista oferece a promessa de repensar radicalmente os sistemas alimentares e a comida em si nos estudos sobre alimentação. Se uma ontologia relacional conduz a essa “relacionalidade do cuidado”, como Country *et al.* (2015) demonstram, isso fornece um contexto que reconsidera relações muitas vezes ignoradas, dadas como certas ou até exploradas no sistema alimentar. O modelo de produção e consumo de conquista é substituído por uma visão colaborativa e relacional da comida e dos sistemas alimentares. O pós-humanismo alerta ao comensal toda relação e interação que ocorre por causa da comida, conectando quem come não apenas com o frango (o quão bem eles vivem e quanto eles ganham?) e com os ecossistemas que apoiam toda a vida (quão sobrecarregados estão?). O comensal é convidado a cuidar não somente do frango, do trabalhador e dos ecossistemas, mas em vez disso, cuidar – *cuidar com* o frango, o trabalhador, os ecossistemas. Nesse sentido, é possível começar a ampliar a definição de comida saudável em conjunto com linhas pós-humanistas.

Um pensamento chave que o pós-humanismo oferece aos estudos de alimentação e estudos agroalimentares é a ideia de que o que se tem entendido como natureza inanimada, está, na verdade, trabalhando, regulando, causando, parando, fazendo coisas acontecerem em cada estágio da cadeia alimentar. Romper fundamentalmente com o modelo de produção e consumo de conquista é repensar a comida. Considerando o Antropoceno e o papel do sistema alimentar industrial nas mudanças climáticas, uma perspectiva pós-humanista oferece a possibilidade de repensar o dualismo humano-natureza de tal forma que possa levar à criação de uma relação

humano-natureza mais justa do que relação na qual atualmente estamos inseridos.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a todos os revisores pelos comentários, particularmente os relacionados às questões perspicazes e à sugestão de leitura do segundo revisor: o ensaio de Timothy Mitchell (2002) “Os mosquitos podem falar?”, que oferece um exemplo brilhante de como o reconhecimento da agência não humana perturba narrativas políticas.

REFERÊNCIAS

1. BARAD, Karen. Posthumanist performativity: toward an understanding of how matter comes to matter. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, [s.l.], v. 28, n. 3, p. 801-831, mar. 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1086/345321>. Acesso em: 6 fev. 2023.
2. BENNETT, Jane. Edible matter. **New Left Review**, [s.l.], v. 45, p. 133-145, mai./jun. 2007.
3. BENNETT, Jane. **Vibrant matter: a political ecology of thing**. Durham: Duke University Press, 2010.
4. BESKY, Sarah; PADWE, Jonathan. Placing plants in territory. **Environment and Society**, [s.l.], v. 7, n. 1, p. 9, 2016. Disponível em: <https://link.gale.com/apps/doc/A503309251/AONE?u=anon~e7c1b847&sid=googleScholar&xid=1ea62f3e>. Acesso em : 15 fev. 2023.
5. BRAIDOTTI, Rosi. Critical posthuman knowledges. **South Atlantic Quarterly**, [s.l.], v. 116, n. 1, p. 83-96, 1 jan. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1215/00382876-3749337>. Acesso em: 6 fev. 2023.
6. BRAIDOTTI, Rosi. A theoretical framework for the critical posthumanities. **Theory, Culture & Society**, [s.l.], v. 36, n. 6, p. 31-61, 4 maio 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/0263276418771486>. Acesso em: 6 fev. 2023.
7. BRAUN, Bruce. Environmental issues: writing a more-than-human urban geography. **Progress in Human Geography**, [s.l.], v. 29, n. 5, p. 635-650, out. 2005.

- Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1191/0309132505ph574pr>. Acesso em: 6 fev. 2023.
8. BRICE, Jeremy. Attending to grape vines: perceptual practices, planty agencies and multiple temporalities in Australian viticulture. **Social & Cultural Geography**, [s.l.], v. 15, n. 8, p. 942-965, 5 fev. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/14649365.2014.883637>. Acesso em: 6 fev. 2023.
 9. BULLER, Henry. Animal Geographies I. **Progress in Human Geography**, [s.l.], v. 38, n. 2, p. 308-18, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0309132513479295>. Acesso em: 15 fev. 2023.
 10. BULLER, Henry. Animal Geographies II: Methods. **Progress in Human Geography**, [s.l.], v. 39, n. 3, p. 374-84, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0309132514527401>. Acesso em: 15 fev. 2023.
 11. BULLER, Henry. Animal Geographies III: Ethics. **Progress in Human Geography**, [s.l.], v. 40, n. 3, p. 422-30, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0309132515580489>. Acesso em : 15 fev. 2023.
 12. COHN, Simon; LYNCH, Rebecca. Posthumanist perspectives: relevance for a global public health. **Critical Public Health**, v. 27, n. 3, p. 285-92, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09581596.2017.1302557>. Acesso em : 15 fev. 2023.
 13. COULTER, Kendra. Beyond human to humane: a multispecies analysis of care work, its repression, and its potential. **Studies in Social Justice**, [s.l.], v. 10, n. 2, p. 199-219, 19 dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.26522/ssj.v10i2.1350>. Acesso em: 6 fev. 2023.
 14. COUNTRY, Bawaka; WRIGHT, Sarah; SUCHET-PEARSON, Sandie; LLOYD, Kate; BURARRWANGA, Laklak; GANAMBARR, Ritjilili; GANAMBARR-STUBBS, Merrkiyawuy; GANAMBARR, Banbapuy; MAYMURU, Djawundil. Working with and learning from Country: decentring human authority. **Cultural Geographies**, [s.l.], v. 22, n. 2, p. 269-283, 20 jun. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1474474014539248>. Acesso em: 6 fev. 2023.
 15. COUNTRY, Bawaka; WRIGHT, Sarah; SUCHET-PEARSON, Sandie; LLOYD, Kate; BURARRWANGA, Laklak; GANAMBARR, Ritjilili; GANAMBARR-STUBBS, Merrkiyawuy; GANAMBARR, Banbapuy; MAYMURU, Djawundil; SWEENEY, Jill. Co-becoming Bawaka. **Progress In Human Geography**, [s.l.], v. 40, n. 4, p. 455-475, 30 jun. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/0309132515589437>. Acesso em: 6 fev. 2023.
 16. COUNTRY, Bawaka; BURARRWANGA, Laklak.; GANAMBARR, Ritjilili.; GANAMBARR-STUBBS, Merrkiyawuy.; GANAMBARR, Banbapuy.; MAYMURU, Djawundil.; LLOYD, Kate.; WRIGHT, Sarah.; SUCHET-PEARSON, Sandie.; HODGE, Paul. Meeting across ontologies: grappling with an ethics of care in our human-more-than-human collaborative work. *In*: Haladay, Jane.; Hicks, Scott. **Narratives of educating for sustainability in unsustainable environments**. Michigan: Michigan

State University Press, 2018. p. 219-243.

17. CPHA - CANADIAN PUBLIC HEALTH ASSOCIATION. **Global Change and Public Health**: addressing the ecological determinants of health, 2015. Ottawa, Ont.: Canadian Public Health Association. Disponível em: https://www.cpha.ca/sites/default/files/assets/policy/edh-discussion_e.pdf. Acesso em: 23 set. 2022.
18. CRAWFORD, Robert. Healthism and the medicalization of everyday life. **International Journal of Health Services**, [s.l.], v. 10, n. 3, p. 365-388, jul. 1980. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2190/3h2h-3xjn-3kay-g9ny>. Acesso em: 6 fev. 2023.
19. DAVIS, Heather; TODD, Zoe. On the importance of a date, or Decolonizing the Anthropocene. **ACME: An International Journal for Critical Geographies**, [s.l.], v. 16, n. 4, p. 761-780, 2017. Disponível em: <https://acme-journal.org/index.php/acme/article/view/1539> . Acesso em : 15 fev. 2023.
20. DECKHA, Maneesha. Toward a postcolonial, posthumanist feminist theory: centralizing race and culture in feminist work on nonhuman animals. **Hypatia**, v. 27, n. 3, p. 527-545, 2012. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23254839>. Acesso em : 15 fev. 2023.
21. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **A thousand plateaus: capitalism and schizophrenia**. 6 ed. London: Continuum, 2004.
22. EGGER, Garry.; SWINBURN, Boyd. An “ecological” approach to the obesity pandemic. **Bmj**, [s.l.], v. 315, n. 7.106, p. 477-480, 23 ago. 1997. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1136/bmj.315.7106.477>. Acesso em: 6 fev. 2023.
23. ELTON, Sarah. Reconsidering the retail foodscape from a posthumanist and ecological determinants of health perspective: wading out of the food swamp. **Critical Public Health**, [s.l.], v. 29, n. 3, p. 370-378, 16 maio 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/09581596.2018.1468870>. Acesso em: 6 fev. 2023.
24. ELTON, Sarah. Posthumanism invited to dinner: exploring the potential of a more-than-human perspective in food studies. **Gastronomica**, v. 19, n. 2, p. 6-15, 2019.
25. FLEMING, Jake. Toward vegetal political ecology: Kyrgyzstan’s “walnut” fruit forest and the politics of graftability. **Geoforum**, [s.l.], v. 79, p. 26-35, fev. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.geoforum.2016.12.009>. Acesso em: 6 fev. 2023.
26. GETHMANN, Carl Friedrich; EHLERS, Eckart. **Environment across cultures**. Berlin: Springer, 2003.
27. GOODMAN, David. Agro-food Studies in the “Age of Ecology”: nature, corporeality, bio-politics. **Sociologia Ruralis**, [s.l.], v. 39, n. 1, p. 17-38, jan. 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/1467-9523.00091>. Acesso em: 6 fev. 2023.
28. GOODLEY, Dan; LAWTHOM, Rebecca; COLE, Katherine Runswick. Posthuman disability studies. **Subjectivity**, [s.l.], v. 7, n. 4, p. 342-361, 3 nov. 2014. Disponível em:

- <http://dx.doi.org/10.1057/sub.2014.15>. Acesso em: 6 fev. 2023.
29. HARAWAY, Donna. Jeanne. **When species meet**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.
 30. HEALTH CANADA. **Canada's Dietary Guidelines for Health Professionals and Policy Makers**. Ottawa, Ont.: Canadian Public Health Association., 2019. Disponível em: <https://food-guide.canada.ca/en/guidelines/>. Acesso em : 15 fev. 2023.
 31. HELDKKE, Lisa. It's chomping all the way down: toward an ontology of the human individual. **The Monist**, [s.l.], v. 101, n. 3, p. 247-260, 8 jun. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1093/monist/ony004>. Acesso em: 6 fev. 2023.
 32. INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.
 33. JONES, Owain; CLOKE, Paul. **Tree cultures: the place of trees and trees in their place**. Oxford: Berg, 2002.
 34. LATOUR, Bruno. **We have never been modern**. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1993.
 35. LORIMER, Jamie. Gut buddies. **Environmental Humanities**, [s.l.], v. 8, n. 1, p. 57-76, 1 jan. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1215/22011919-3527722>. Acesso em: 6 fev. 2023.
 36. LUCIANO, Dana; CHEN, Mel. Queer inhumanisms. **Glq: A Journal of Lesbian and Gay Studies**, [s.l.], v. 25, n. 1, p. 113-117, 1 jan. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1215/10642684-7275600>. Acesso em: 6 fev. 2023.
 37. MARCHAND, Jeffrey Scott. Non-human agency. In: BRAIDOTTI, Rosi; HLAVAJOVADS, Maria (ed.). **Posthuman Glossary**. London: Bloomsbury Academic, 2018. p. 292-295.
 38. MARDER, Michael. Is it ethical to eat plants? **Parallax**, v. 19, n. 1, p. 29-37, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13534645.2013.743291>. Acesso em: 15 fev. 2023.
 39. MAYES, Christopher.; THOMPSON, Donald. Is nutritional advocacy morally indigestible? A critical analysis of the scientific and ethical implications of "healthy" food choice discourse in liberal societies. **Public Health Ethics**, [s.l.], v. 7, n. 2, p. 158-169, 19 jun. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1093/phe/phu013>. Acesso em: 6 fev. 2023.
 40. MINTZ, Sidney. **Sweetness and power: the place of sugar in modern history**. New York: Viking, 1985.
 41. MITCHELL, Timothy. **Rule of experts: Egypt, techno-politics, modernity**. Berkeley: University of California Press, 2002.

42. MOORE, Lisa Jean; KOSUT, Mary. Among the colony: ethnographic fieldwork, urban bees, and intra-species mindfulness. **Ethnography**, [s.l.], v. 15, n. 4, p. 516-539, 27 set. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1466138113505022>. Acesso em: 6 fev. 2023.
43. NADING, Alex. Humans, animals, and health: from ecology to entanglement. **Environment And Society**, [s.l.], v. 4, n. 1, p. 1-20, 1 jan. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3167/ares.2013.040105>. Acesso em: 6 fev. 2023.
44. PLUMWOOD, Val. **Feminism and the mastery of nature**. London: Routledge, 1993.
45. POLLAN, Michael. **The botany of desire**. New York: Random House, 2002.
46. POWER, Emma. Human-nature relations in suburban gardens. **Australian Geographer**, v. 36 n. 1, p. 39-53, 2005.
47. RAJA, Samina; MA, Changxing; YADAV, Pavan. Beyond food deserts. **Journal of Planning Education and Research**, [s.l.], v. 27, n. 4, p. 469-482, 24 jan. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/0739456x08317461>. Acesso em: 6 fev. 2023.
48. ROCK, Melanie; DEGELING, Chris; BLUE, Gwendolyn. Toward stronger theory in critical public health: insights from debates surrounding posthumanism. **Critical Public Health**, [s.l.], v. 24, n. 3, p. 337-348, 25 set. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/09581596.2013.827325>. Acesso em: 6 fev. 2023.
49. SARMIENTO, Eric. Synergies in alternative food network research: embodiment, diverse economies, and more-than-human food geographies. **Agriculture and Human Values**, [s.l.], v. 34, n. 2, p. 485-497, 28 nov. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/s10460-016-9753-9>. Acesso em: 6 fev. 2023.
50. SAYES, Edwin. Actor–Network Theory and methodology: just what does it mean to say that nonhumans have agency? **Social Studies of Science**, [s.l.], v. 44, n. 1, p. 134-149, 30 dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/0306312713511867>. Acesso em: 6 fev. 2023.
51. SMITH, Dianna; CUMMINS, Steven. Obese cities: how our environment shapes overweight. **Geography Compass**, [s.l.], v. 3, n. 1, p. 518-535, 11 dez. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1749-8198.2008.00198.x>. Acesso em: 6 fev. 2023.
52. STANDLEY, Claire; BOGICH, Tiffany. International development, emerging diseases, and ecohealth. **EcoHealth**, v. 10, p. 1-3, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10393-013-0820-z>. Acesso em: 6 fev. 2023.
53. STEEL, Karl. Food. In: BRAIDOTTI, Rosi; HLAVAJOVA, Maria (eds.). **Posthuman Glossary**. London: Bloomsbury Academic, 2018. p. 160-162.
54. STEINFELD, Henning. **Livestock's long shadow: environmental issues and options**. Roma: Food and Agriculture Organization of the United Nations, 2006. p. 416.

55. SUNDBERG, Juanita. Diabolic *Caminos* in the desert and cat fights on the *río*: a posthumanist political ecology of boundary enforcement in the United States-Mexico borderlands. **Annals of the Association of American Geographers**, [s.l.], v. 101, n. 2, p. 318-336, 16 mar. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00045608.2010.538323>. Acesso em: 6 fev. 2023.
56. SUNDBERG, Juanita. Decolonizing posthumanist geographies. **Cultural Geographies**, [s.l.], v. 21, n. 1, p. 33-47, 26 abr. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1474474013486067>. Acesso em: 6 fev. 2023.
57. TALLBEAR, Kim. **Why interspecies thinking needs indigenous standpoints**. Toronto: 2011. Disponível em: <https://culanth.org/fieldsights/why-interspecies-thinking-needs-indigenous-standpoints>. Acesso em: 23 set. 2022.
58. TARASUK, Valerie; DACHNER, Naomi; LOOPSTRA, Rachel. Food banks, welfare, and food insecurity in Canada. **British Food Journal**, [s.l.], v. 116, n. 9, p. 1.405-1.417, 26 ago. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1108/bfj-02-2014-0077>. Acesso em: 6 fev. 2023.
59. THERIAULT, Noah. A forest of dreams: ontological multiplicity and the fantasies of environmental government in the Philippines. **Political Geography**, [s.l.], v. 58, p. 114-127, maio 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.polgeo.2015.09.004>. Acesso em: 6 fev. 2023.
60. TODD, Zoe. Fish pluralities: human-animal relations and sites of engagement in Paulatuuq, Arctic Canada. **Études/Inuit/Studies**, [s.l.], v. 38, n. 1-2, p. 217-238, 25 fev. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7202/1028861ar>. Acesso em: 6 fev. 2023.
61. TSING, Anna. Unruly Edges: mushrooms as companion species. **Environmental Humanities**, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 141-154, 1 maio 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1215/22011919-3610012>. Acesso em: 6 fev. 2023.
62. WADIWEL, Dinesh. Chicken harvesting machine. **South Atlantic Quarterly**, v. 117, n. 3, p. 527-49, 2018.
63. WATTS, Vanessa. Indigenous place-thought and agency amongst humans and non-humans (first woman and sky woman go on a European world tour!). **Decolonization: Indigeneity, Education & Society**, v. 2, n. 1, p. 20-34, 2013.
64. WHATMORE, Sarah. **Hybrid geographies: natures, cultures, spaces**. London: Sage, 2002. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.4135/9781446219713>. Acesso em: 6 fev. 2023.
65. WEIS, Tony. The meat of the global food crisis. **Journal of Peasant Studies**, [s.l.], v. 40, n. 1, p. 65-85, jan. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/03066150.2012.752357>. Acesso em: 6 fev. 2023.
66. WYNTER, Sylvia. Unsettling the colonality of being/power/truth/freedom: towards the

human, after man, its overrepresentation – an argument. **The New Centennial Review**, [s.l.], v. 3, n. 3, p. 257-337, 2003. Project Muse. <http://dx.doi.org/10.1353/ncr.2004.0015>.

67. YONG, Ed. **I contain multitudes**: the microbes within us and a grander view of life. 1 ed. New York: Ecco, 2016.

Sarah Elton

Professora assistente no Department of Sociology da Toronto Metropolitan University. PhD pela Dalla Lana School of Public Health, University of Toronto, Social and Behavioural Health Sciences. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2196-4170>. E-mail: sarah.elton@torontomu.ca

Janice Alves Trajano

Doutoranda em Antropologia Social e Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7444-7532>. E-mail: janicetrajano@live.com